

## 8. O MÉTODO DE RECONSTRUÇÃO INTERNA

(Texto traduzido e adaptado do Capítulo 8 “The method of internal reconstruction” (pp. 162-74) de Winfred P. Lehmann, (1962). *Historical Linguistics: an Introduction*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 3ª edição de 1992, reimpressão de 1994.)

### 8.1. A reconstrução interna exemplificada pela Lei de Grassmann

O método de reconstrução interna é desenhado para reconstruir formas anteriores a partir de dados tirados de dentro de uma única língua, sendo que a mesma se trata, muitas vezes, de uma língua reconstruída. O método se baseia no reconhecimento da estrutura multiplana da linguagem. A mudança pode ocorrer em qualquer nível individual, por exemplo, no plano fonológico, deixando padrões irregulares noutro nível, por exemplo, no plano morfológico. Mediante uma investigação das irregularidades em que os paradigmas irregulares são contrastados com os padrões regulares, reconstruímos formas anteriores. Antes de examinarmos o seu uso na reconstrução de línguas, apresentamos algumas exemplificações que podem ser verificadas: por exemplo, o fenômeno tratado pela lei de Grassmann.

Se examinarmos as formas do tempo perfeito em sânscrito e grego, depreenderemos que muitas dessas formas exibem reduplicação. Em geral, esse fenômeno reduplicativo envolve a prefixação da consoante inicial da base, seguida por uma vogal, como, por exemplo, sânsc., ददत् (da-daú), gr., δέδωκα (dé-dō-ka), cf. também lat., DEDI (de-dī) do tempo perfeito do verbo dō “dar”. Por outro lado, se os radicais com uma consoante aspirada são reduplicados no grego e no sânscrito, a consoante prefixada não mantém a aspiração, como, por exemplo, nas formas do perfeito baseadas no radical PIE \*b<sup>h</sup>ū- “tornar-se”: sânsc., बभूव (ba-bhū-va) “ele se tornou”; gr., πέφυκα (pé-phū-ka) de φύω (phūō) “desenvolver-se”. Servindo-nos do método comparativo para reconstruir a consoante inicial neste caso, vemo-nos defrontados por um problema: as consoantes reduplicadas são prefixadas geralmente sem modificações, como nas formas do sânscrito baseadas na raiz \*dō-.

Se pressupusermos que o modelo reduplicativo canônico é aquele encontrado nas raízes não aspiradas, propomos que o mesmo padrão existia antigamente também nas raízes aspiradas. A seguir, reconstruímos as formas reduplicadas anteriores da raiz \*b<sup>h</sup>ū- da seguinte maneira: em sânscrito, \*bha-bhū-va, e, em grego, \*phé-phū-ka. Ao reconstruirmos formas dessa maneira, sem levar em consideração outras línguas, aplicamos o método de reconstrução interna (M.I.R.). A consoante diferente que constatamos no sânscrito e no grego indica que tratamos cada língua separadamente. Após termos aplicado o método de reconstrução interna, podemos lançar mão do método de reconstrução comparada, tal como Grassmann fez, e reconstruir a forma \*b<sup>h</sup>e-b<sup>h</sup>ū-... do protoindo-europeu, cientes de que a consoante inicial foi desvozeada no grego.

Como Grassmann apontou, não observamos as formas do perfeito com uma consoante inicial aspirada no grego e no sânscrito porque, em cada língua, uma de duas consoantes aspiradas em sílabas sucessivas foi dissimiladas. As mudanças podem ser descritas conforme a formulação de Grassmann: a

primeira de duas aspiradas no início de sílabas sucessivas (ou também numa sílaba que terminava com uma aspirada) perdeu a sua aspiração.

Os exemplos citados do tempo perfeito do sânscrito e do grego ilustram uma complicação morfológica que resulta da perda de aspiração. Outra ocorre nas formas flexionadas, quando as consoantes aspiradas são modificadas por elementos contíguos. O nominativo de “cabelo” em grego, por exemplo, é θρίξ (*t<sup>h</sup>ríks*); o genitivo é τριχός (*trik<sup>h</sup>ós*). Esse paradigma parece selecionar de forma arbitrária um dos dois aspirados possíveis. Não obstante, cada forma é explicável facilmente. No nominativo, a aspiração é perdida quando o marcador do caso nominativo foi colocado depois de -χ (-*k<sup>h</sup>*), tal como em óνυξ ~ óνυχος (*ónuks*, *ónukhos*) “garra”. Consequentemente, não existe nenhum segmento aspirado pelo qual o fonema θ- (*t<sup>h</sup>-*) de θρίξ (*t<sup>h</sup>ríks*) possa ser dissimilado. No genitivo, por outro lado, o segmento médio aspirado -χ (-*k<sup>h</sup>*) se mantinha e a consoante inicial sofreu dissimilação, produzindo τριχός (*trik<sup>h</sup>ós*). Tal como fizemos acima ao tratarmos da aspiração, comparamos flexões semelhantes como κῆρυξ (*kéruks*) (nom.) ~ κήρυκος (*kérukos*) (gen.) “arauto”, “mensageiro”, em que as consoantes ficam inalteradas. Concluímos que “cabelo” deveria exibir consoantes aspiradas nas duas posições e reconstruímos a forma \**d<sup>h</sup>rig<sup>h</sup>-* para o pré-grego.

## 8.2. Por que o método de reconstrução interna revela as formas anteriores

O método de reconstrução interna, na medida em que aplicado ao nível fonológico, é possibilitado porque a mudança sonora ocorre sem consideração dos conjuntos morfológicos. Os alofones mudam, independentemente da sua posição dentro dos elementos morfológicos. Por conseguinte, um som pode sofrer mudança em alguns morfemas de um determinado morfema em que aparece em certas circunstâncias fonológicas específicas, enquanto o mesmo segmento sonoro pode permanecer inalterado noutros morfemas do mesmo morfema [em que as condições fonológicas associadas com a mudança alofônica não obtêm]. Além disso, em morfemas paralelos com sons diferentes, pode ser que a mudança não ocorra, como podemos exemplificar com o caso de /-t-/ do inglês americano.

Como afirmamos acima [noutro capítulo], no inglês americano, /-t-/ se converteu em [-d-] em certos ambientes específicos, tal como nestas formas que apresentamos abaixo em grifo:

<i>tick</i> [tɪk]	<i>sin</i> [sɪn]	<i>bid</i> [bɪd]	<i>hit</i> [hɪt]
<i>ticker</i> [tɪkəɪ]	<i>sinner</i> [sɪnəɪ]	<i>bidder</i> [bɪdəɪ]	<b><i>hidd</i></b> [hɪdəɪ]
<i>ticking</i> [tɪkɪŋ]	<i>sinning</i> [sɪnɪŋ]	<i>bidding</i> [bɪdɪŋ]	<b><i>hitt</i></b> [hɪdɪŋ]
<i>ticks</i> [tɪks]	<i>sins</i> [sɪnz]	<i>bids</i> [bɪdz]	<i>hits</i> [hɪts]
<i>red</i> [ɹɛd]	<i>black</i> [blæk]	<i>fast</i> [fɑst]	<i>fat</i> [fæt]
<i>redder</i> [ɹɛdəɪ]	<i>blacker</i> [blækəɪ]	<i>faster</i> [fɑstəɪ]	<b><i>fatt</i></b> [fædəɪ]

Observamos acima os ambientes particulares em que a mudança ocorreu. Além disso, notamos que a mudança não ocorreu noutras consoantes, como em [k], [n], [b] das palavras acima. Consequentemente, concluímos que a mudança não foi produzida pelo acréscimo dos sufixos morfológicos *-er*, *-ing* e o sufixo comparativo, *-er*. Adicionalmente, porque [t] fica inalterado em ambientes não médios,

supomos que [t] era a antiga pronúncia generalizada e a reconstruímos também nas formas que atualmente exibem [-d-].

Resumindo, o MRI é aplicável porque a mudança sonora não ocorre em categorias morfológicas específicas, tal como os substantivos agentivos em *-er*, os gerúndios em *-ing* ou no grau comparativo em *-er*. Em lugar disso, a mudança sonora acontece em conjuntos fonológicos. Se conseguirmos identificar tais conjuntos, podemos postular a situação anterior.

Igualmente à situação das consoantes aspiradas dissimiladas do sânscrito e do grego, os fones novos se fusionam tipicamente com os de outros fonemas. Para muitos falantes do inglês americano, *bitter* é pronunciado igual a *bidder*. Da mesma maneira, o fone [b] no sânscrito que resultou da dissimilação de [b<sup>h</sup>] em बभ्रुव (*ba-bhū-va*) “ele se tornou” se fusionou com o [b] que pertencia ao fonema /b/ existente. É possível que consigamos identificar semelhantes fones fusionados por meio do seu ambiente fonológico característico de modo a aplicarmos o MRI. No sânscrito, por exemplo, podemos suspeitar que qualquer /b/ que ocupar o início de uma sílaba e que preceder uma consoante aspirada é o reflexo de um antigo /b<sup>h</sup>/. Do mesmo modo, os futuros investigadores da língua inglesa suspeitarão de qualquer /d/ situado após uma vogal tônica e diante de uma vogal átona, particularmente se tal segmento mantiver uma alternância com /t/.

### **8.3. A reconstrução interna aplicada à reconstrução das fricativas protogermânicas**

Ao estudarmos as consoantes fricativas do protogermânico, podemos observar simultaneamente como os linguistas chegaram a identificar o ambiente em que tais segmentos sofreram mudança. Podemos notar também a perda gradual da evidência a que o MRI pode ser aplicado.

As consoantes fricativas exibem uma forma desvozeada no singular dos tempos presente e pretérito, que contrasta com uma forma sonora no plural do pretérito e no particípio, conforme exemplificamos com os verbos “escolher” e “congelar”:

<i>Infinitivo</i>	<i>Pretérito</i> <i>3ª pessoa do singular</i>	<i>Pretérito</i> <i>3ª pessoa do plural</i>	<i>Pretérito</i> <i>particípio</i>
<i>*kiusan</i>	<i>*kaus</i>	<i>*kuzun</i>	<i>*kuzan-</i>
<i>*friusan</i>	<i>*fraus</i>	<i>*fruzun</i>	<i>*fuzan-</i>

Na base dessas formas, poderíamos concluir que a variante sonora [z] ocorre em contextos intervocálicos depois de /u/. No entanto, noutras formas verbais, como, por exemplo, *\*nesan* “ser salvo” ~ *\*nazjan* “salvar”, concluímos que a distribuição não está relacionada à presença de vogais específicas. O ambiente real pode ser difícil de identificar a partir de apenas os dados germânicos.

Tal como notamos acima, Verner identificou o ambiente característico ao comparar as formas gregas e as do sânscrito. Nessas línguas, o linguista dinamarquês observou que a posição do acento era diferente no singular do perfeito do plural do mesmo tempo, os quais correspondem, respectivamente, ao singular e ao plural do pretérito no ramo germânico. De modo a exemplificar, o cognato do radical verbal *\*kius-* no sânscrito é जुष- (*juṣ-*) “degustar”, “provar”, “experimentar” (na transliteração, o *j* do sânscrito expressa uma oclusiva palatalizada que é pronunciada como a letra *j* em inglês, ou seja, [dʒ]; a letra *ṣ* indica uma fricativa retroflexa). A terceira pessoa do singular do tempo perfeito, que corresponde a *\*kaus-* do protogermânico, embora contenha reduplicação de *ju-*, é जुजोष (*jujóṣa*). A forma da terceira pessoa do plural do perfeito é जुजुषुस् (*jujuśús*). Postulamos uma mudança parecida do acento no plural, na base da qual propomos a causa da diferença no vozeamento. A dificuldade em identificar o ambiente é indicada pelo tempo que os linguistas demoraram em encontrar a solução: o artigo de Verner foi publicado mais de meio século depois que Grimm estabeleceu as suas regras.

Até o momento em que os dialetos germânicos surgiram, a distribuição original estava ainda mais ofuscada, porque no islandês antigo, no inglês antigo, no saxônico antigo, no alto alemão antigo e até nos dialetos menos atestados, os reflexos de *\*z* do pgmc. tinham se fusionado com os de *\*r* pgmc. Do vocábulo “escolher”, constatamos as formas seguintes nesses dialetos:

islandês antigo,	<i>kiōsa</i>	<i>kaus</i>	<i>køron</i>	<i>kørenn</i>
inglês antigo,	<i>cēosan</i>	<i>cēas</i>	<i>curon</i>	<i>coren</i>
saxônico antigo,	<i>keosan</i>	<i>kōs</i>	<i>kuran</i>	<i>gikoran</i>
alto alemão antigo,	<i>kiosan</i>	<i>kōs</i>	<i>kurun</i>	<i>gikoran</i>

Investigações pormenorizadas das inter-relações entre /t/ e /s/ em tais formas levou à reconstrução da situação protogermânica e dessa configuração para a reconstrução no protoindo-europeu.

Para encontrar a solução desses problemas, o estudo da distribuição de fonemas parecidos é útil num subconjunto, como as fricativas. Em paralelo com o contraste de *\*s* : *\*z* no protogermânico, depreendemos alterações entre *\*θ* > *\*ð* (> /d/ do AAA), pgmc. *\*ð* > /d/ (ingl. ant.) e /t/ (AAA), tal como:

inglês antigo,	<i>sēoðan</i>	<i>sēað</i>	<i>sudon</i>	<i>soden</i>	“ferver”
alto alemão antigo,	<i>siodan</i>	<i>sōd</i>	<i>sutun</i>	<i>gisotan</i>	

Igualmente, notamos um contraste entre os reflexos de *\*χ* e *\*g* do pgmc.:

inglês antigo,	<i>tēon</i>	<i>tēah</i>	<i>tugon</i>	<i>togen</i>	“puxar”
alto alemão antigo,	<i>ziohan</i>	<i>zōh</i>	<i>zugun</i>	<i>gizogan</i>	

Tal como o infinitivo para “puxar” do inglês antigo mostra, mudanças subsequentes podem ocultar o padrão original.

É possível, porém, que venhamos a descobrir evidência do padrão anterior em textos arcaicos, especialmente em textos poéticos como *Beowulf*: no verso 1030b, lê-se, *on flet tēon* “conduzir na sala”. O verso precisa conter pelo menos quatro sílabas e, portanto, interpretamos a sequência *-ēo-* como a representação escrita tardia da forma antiga *\*tēhan*, ou seja, um hiato, em lugar de uma única unidade vocálica (ditongo).

Com o decorrer do tempo, a evidência desaparece por completo. Se dispuséssemos apenas do inglês moderno e não tivéssemos material no inglês antigo, o único paradigma verbal que exhibe a distribuição protogermânica original das fricativas surdas e sonoras, seria *was ~ were*. A distribuição se mantém fora dos paradigmas flexionais, como em, por exemplo, *lose ~ forlorn* [“perder” ~ “perdido” (arc.) > “desesperado”, “desamparado”], e em *seethe ~ sodden* [“ferver” ~ “fervido” (arc.) > “encharcado”], que ficam cada vez menos frequentes. O último exemplo ocorre apenas como um adjetivo no inglês moderno. Pode ser que a mudança não aconteça com a mesma velocidade para todos os fenômenos, mas esta seção mostra que, ao longo de um período de 2.000 anos, quase todas as evidências para o MRI podem ser eliminadas.

#### 8.4. A reconstrução interna aplicada aos verbos “fortes” germânicos

As formas verbais citadas em 8.3 e abaixo exemplificam que a reconstrução da fonologia pode ser aplicada com mais confiança nos paradigmas flexionais. Encontramos exemplos excelentes disso nos verbos “fortes” (irregulares) nas línguas germânicas. Apresentamos formas em gótico e em inglês antigo, embora as formas góticas sejam suficientes para a nossa reconstrução. A numeração de classe 1 a 5 é tradicional para os verbos em questão.

1.	<b>gótico</b>	<i>BCITAN</i> [bi:tan]	<i>BAIT</i> [bɛ:t]	<i>BITYN</i> [bitun]	<i>BITANS</i> [bitans]	“morder”
	<b>inglês antigo</b>	<i>bītan</i> [bi:tan]	<i>bāt</i> [ba:t]	<i>biton</i> [biton]	<i>biten</i> [biten]	
2.	<b>gótico</b>	<i>KIYSAN</i> [kiusan]	<i>KAYS</i> [kaus]	<i>KYSYN</i> [kusun]	<i>KYSANS</i> [kusans]	“escolher”
	<b>inglês antigo</b>	<i>cēosan</i> [tʃe:osan]	<i>cēas</i> [tʃe:as]	<i>curon</i> [kuron]	<i>coren</i> [koren]	
3.	<b>gótico</b>	<i>-BINΔAN</i> [-bindan]	<i>-BANΔ</i> [-band]	<i>-BYNΔYN</i> [-bundun]	<i>-BYNΔANS</i> [-bundans]	“atar”, “amarrar”
	<b>inglês antigo</b>	<i>bindan</i>	<i>band</i>	<i>bundun</i>	<i>bunden</i>	

Mudanças sonoras ocultaram algumas das relações: por exemplo, exceto diante de *\*r* e de *\*h*, *\*e* (pgmc.) > /i/ em gótico, como em *KIYSAN* [kiusan] e *-BINΔAN* [-bindan]. Também, no inglês antigo, os ditongos nas primeiras duas formas sofreram mudanças significativas. Entretanto, dispomos de suficiente evidência para postular os segundos elementos no segmento vocálico das raízes, ou seja, *BCIT-*, *KIYS-* e *BINΔ-* (gót.) – *beit-*, *kius-* e *bind-* – como os reflexos dos ressoantes protogermânicos *\*y* *\*w* *\*n*. Pressupondo *\*e* diante dessas formas na primeira configuração, postulamos para o protogermânico as raízes *\*beyt-* (ou seja, [bejt-]), *\*kews-* e *\*bend-*.

Se rotularmos os elementos *b t k s d* das raízes de “C[onsoantes]” e os segmentos *y w n* de “R[essoantes]”, podemos derivar as três classes verbais seguintes das raízes com um padrão variante para o protogermânico:

*CeRC-*      *CaRC-*      *CRC-*      *CRC-*

(\**y* > *i*, \**w* > *u*, \**n* > *um* sempre que ocorrerem entre consoantes, tal como nas formas *CRC-*.) Dados seus paralelos, as três classes diferentes dos verbos irregulares nas línguas germânicas eram originalmente uma classe.

A partir da análise do material gótico, podemos postular sem dificuldade a variação protogermânica. Mediante o material posterior do inglês antigo, no qual diversas mudanças sonoras haviam ocorrido, por exemplo, *pgmc.*, \**ew* > *ingl. ant.*, *ēo*, *pgmc.*, \**au* > *ingl. ant.*, *ēa*, a mesma reconstrução interna exigiria um esforço maior.

Ao examinarmos ainda outros verbos germânicos, estabelecemos a existência da mesma variação entre *pgmc.*, \**e* e \**a* nas primeiras duas formas das classes 4 e 5, que exibem a estrutura protogermânica *CeC-* (neste caso, o plural do pretérito e o particípio passado manifestam um padrão divergente e não serão tratados aqui).

4.	<b>gótico</b>	<i>STILAN</i> [stilan]	<i>STAA</i> [stal]	<i>STĒAYN</i> [ste:lun]	<i>STYĀANS</i> [stulans]	“roubar”, “furtar”
	<b>inglês antigo</b>	<i>stelan</i>	<i>stæl</i>	<i>stælon</i>	<i>stolen</i>	
5.	<b>gótico</b>	<i>ΘISAN</i> [wisan]	<i>ΘAS</i> [was]	<i>ΘĒSYN</i> [we:sun]	* <i>wisans</i>	“ser”
	<b>inglês antigo</b>	<i>wesan</i>	<i>wæs</i>	<i>wæron</i>	* <i>wesen</i>	

Um conjunto altamente estruturado de formas, como as do verbo irregular germânico, nos presta muita ajuda na reconstrução de etapas anteriores numa língua apenas pela evidência. Temos sorte de possuir formas cognatas em indo-iraniano, grego e noutros dialetos que apoiam a nossa reconstrução dessas classes verbais germânicas numa única classe original. Se substituirmos \**o* do PIE para \**a* do *pgmc.*, postulamos os modelos protoindo-europeus que subjazem às quatro formas germânicas:

*Ce(R)C-*      *Co(R)C-*      *C(R)C-*      *C(R)C-*

Essas fórmulas podem ser encontradas pelas formas verbais gregas *λείπω* (*leípō*) “saio”, “parto” com a vogal /e/, *λέλοιπα* (*lé-loipa*) “fui”, “parti” [pretérito perfeito] com a vogal /o/, e *ἔλιπον* (*élipon*) “fui”, “parti” [pretérito aorista] com apenas o reflexo do ressoante, tal como em *biten* do inglês antigo. Configurações como essas confirmam a nossa reconstrução feita na base dos dados germânicos.

### 8.5. A reconstrução interna aplicada às raízes indo-europeias

Se os padrões morfológicos estão estruturados de maneira adequada, até os fonemas que desapareceram podem ser reconstruídos na base de evidência interna. A maioria das raízes indo-europeias exibem a estrutura *CeC-*, por exemplo, *\*b<sup>h</sup>er-* “carregar”, “levar”, *\*g<sup>w</sup>em-* “vir” e *\*sed-* “sentar-(se)”. (**Raiz** é um termo que se estabeleceu para se referir aos morfemas básicos protoindo-europeus, contrastando-os com os morfemas derivacionais ou flexionais. Formas que exibam uma configuração específica numa determinada língua, como as raízes que contêm duas consoantes, p. ex., PIE, *\*b<sup>h</sup>er-*, mais uma vogal, ou, nas línguas semíticas, as raízes triconsonantais, p. ex., hebreu, *k-t-b* “escrever”, são conhecidas como “**formas canônicas**”.) Um número reduzido de raízes indo-europeias amplamente atestadas, entretanto, contém apenas uma consoante, por exemplo, *\*ag-* “conduzir”, *\*d<sup>h</sup>ē-* “colocar”, *\*es-* “ser”. Saussure sugeriu em 1879 que, numa fase anterior do indo-europeu, essas raízes eram paralelas com as raízes de estrutura *CeC-*. As consoantes faltantes haviam caído subsequentemente, deixando as raízes aberrantes. Saussure reconstruiu duas consoantes perdidas também, denominando-as *coefficients sonantiques*.

As bases reconstruídas de Saussure não eram geralmente aceitas. Quando Kuryłowicz examinou o hitita, porém, ele identificou reflexos para algumas das consoantes perdidas, que haviam sido denominadas “laríngeas” subsequentemente. Atualmente, portanto, reconstruímos essas mesmas raízes protoindo-europeias com duas consoantes: *\*heg-* em lugar de *\*ag-*, *\*d<sup>h</sup>e<sup>?</sup>* por *\*d<sup>h</sup>ē-*, e *\*<sup>?</sup>es-* por *\*es-*. A corroboração da hipótese brilhante de Saussure no hitita aumentou consideravelmente a nossa confiança no método de reconstrução interna.

As formas variadas das raízes protoindo-europeias apresentadas na seção 8.4 representam morfemas de distribuição restrita. Portanto, pressupomos ainda que num estágio anterior, os três vocalismos diferentes devem ser reconstruídos como um só. Ao examinarmos as bases das classes 1 a 3, que são raízes ampliadas, postulamos a forma original como *Ce(R)C-*, supondo que, conforme a variação acentual, essa configuração se tornou *C(R)C-*, como em *dṛstás* “visto” em contraste com *δέρκομαι* (*dérkomai*) “vejo” em grego. Também derivamos *Co(R)C-*, tal como em *δέδorkα* (*dédorka*) “vi” [perfeito] de *Ce(R)C-*. Os especialistas no indo-europeu divergem quanto às suas explicações para as mudanças de *\*e* para */o/*, mas, de modo semelhante a *δέδorkα* (*dédorka*) em grego, as vogais do tipo *\*e* que perderam o acento principal quando o protoindo-europeu ainda possuía um acento de altura, poderiam ter-se modificado para */o/*.

Essas variações vocálicas nas raízes protoindo-europeias, que exibem reflexos nas diversas línguas indo-europeias, tal como *bite ~ bit ~ bitten*, *choose ~ chose ~ chosen*, *bind ~ bound ~ bound*, *steal ~ stole ~ stolen*, *was ~ were*<sup>1</sup> no inglês moderno são o produto de **ablaut** ou **apofonia**. Tais formas foram explicadas pelos princípios da reconstrução interna desenvolvidos no estudo das mudanças sonoras historicamente observáveis. Os esforços gastos para chegar a um conhecimento da apofonia e as diversas dificuldades que ainda restam para serem solucionadas são indicativos das complexidades envolvidas na reconstrução de línguas das quais não dispomos de textos de há mais de mil anos. Não obstante, as reconstruções alcançadas para o protoindo-europeu podem indicar também a esperança de conhecermos algum sucesso para o uso do MRI em outras famílias linguísticas, se uma quantidade

<sup>1</sup> [bajt], [bit], [bitən] “morder ~ mordeu ~ mordido”; [ʃu:z], [ʃəʊz], [ʃəʊzən] “escolher ~ escolheu ~ escolhido”; [bajnd], [bawnd], [bawnd] “amarrar ~ amarrou ~ amarrado”; [stijl], [stəʊl], [stəʊlən] “furtar ~ furtou ~ furtado”; [wɒz], [wɜː] “foi ~ foram”.

adequada de formas com variação morfológica for mantida nelas através dos períodos subsequentes em que mudanças sonoras ocorreram.

Se as mudanças sonoras que acontecem produzirem uma fusão completa, o MRI poderá ser aplicado apenas às situações, como a raiz protoindo-europeia, em que dispomos de morfemas bem definidos. É por essa razão que conseguimos reconstruir uma forma anterior do verbo *\*es-* “ser”, mas não reconstruímos uma forma mais antiga do pronome da primeira pessoa do singular, *\*eg-ō*, que não apresenta nenhuma outra forma além da própria [ou seja, não está integrado num paradigma]. Como vimos na seção 8.3, são as variações nas formas das raízes protoindo-europeias que nos permitem reconstruir as suas formas anteriores.

No caso de depararmos com um exemplo de fusão total de morfemas com formas diferentes, não podemos aplicar o MRI. No iraniano, por exemplo, *\*b<sup>h</sup>* e as demais consoantes oclusivas sonoras aspiradas se fundiram com as oclusivas sonoras não aspiradas e não dispomos de evidência para a lei de Grassmann. Igualmente, se dois morfemas do pré-indo-europeu se tivessem fusionado e exibissem a mesma forma fonológica no protoindo-europeu, não conseguiríamos distingui-los na fase anterior da língua.

Se, por outro lado, a ocorrência de mudanças sonoras resultasse apenas numa fusão parcial, como no caso das consoantes oclusivas sonoras aspiradas dissimiladas do sânscrito e as oclusivas sonoras não aspiradas, poderíamos aplicar o MRI, a não ser que a variação morfofonêmica produzida fosse ocultada por ondas subsequentes de mudança sonora, ou pela operação de mudanças analógicas (vide capítulos 10 e 11).

Em geral, formas isoladas, como *forlorn* e *sodden*, preservam durante mais tempo a evidência de que podemos servir-nos na reconstrução interna. Entretanto, partindo de formas isoladas, é muito difícil aplicar uma técnica que depende de alternâncias morfofonêmicas. Morfemas alternantes das camadas mais usadas do vocabulário, como *was ~ were*, também são bons candidatos para preservar alguns meios aos quais o M.R.I. pode ser aplicado. Isso porque tais formas retêm tanto a variação morfológica, quanto a fonológica, e por esse motivo, são mais úteis do que os vocábulos isolados.

Com o tempo, as constantes mudanças e perdas nas línguas acabam eliminando totalmente a variação morfofonêmica que resulta de mudanças sonoras anteriores. Finalmente, esses processos destroem os contrastes morfofonêmicos que podem servir na reconstrução interna. Nas línguas neolatinas, por exemplo, existe pouquíssima evidência para a apofonia protoindo-europeia.

## **8.6. A reconstrução interna aplicada à morfologia e à sintaxe**

Tal como a reconstrução fonológica pode ser realizada ao examinarmos padrões sonoros anômalos dentro das estruturas morfológicas, a reconstrução morfológica também é possível se investigarmos configurações sintáticas aberrantes dentro das estruturas linguísticas. Vimos na seção 5.6.2 que as línguas ativas (-estativas) foram identificadas e que suas características essenciais foram identificadas.



A seguir, essas características podem ser utilizadas na reconstrução de padrões morfológicos e sintáticos, como no protoindo-europeu.

Neste caso, restringimo-nos ao sistema verbal, que, nas línguas ativas, consiste de duas conjugações: uma inclui os verbos com significados ativos e inclui um grande número de formas, a outra conjugação inclui os verbos cujo significado é estativo e inclui um número menor de formas. Quando examinamos o sistema morfológico reconstruído do protoindo-europeu com essa estrutura em mente, observamos evidência para um contraste tanto na forma quanto no significado.

O protoindo-europeu exibe muitas formas indicativas que expressam atividades, como, por exemplo, “vir”, “ir”, “comer”, “beber”. Tais verbos contrastam com as formas médias, que expressam um estado muitas vezes, e com as formas perfectivas, que expressam um estado que resulta de uma ação anterior, como em grego ὄϊδα (*oïda*) “sei”. Além disso, a conjugação indicativa apresenta uma série de desinências para todas as pessoas. Diferentemente, a conjugação perfectiva exibe formas características somente para a primeira, segunda e terceira do singular e a terceira pessoa do plural. Outras formas do paradigma perfectiva nos dialetos são baseadas nas formas indicativas ativas.

A voz média adquiriu um paradigma completo de uma maneira parecida. Essas características do sistema verbal protoindo-europeu, portanto, são comparáveis a essas do sistema verbal das línguas ativas tanto em significado como no número de formas.

Quando considerarmos essas duas características – o significado estativo do perfectivo e de muitas formas médias e o conjunto relativamente empobrecido de formas nesses dois paradigmas – explicamo-las ao pressupormos que, numa fase anterior, o protoindo-europeu era uma língua ativa.

Defendemos essa conclusão identificando outras características do protoindo-europeu, tal como o número reduzido de formas casuais nos substantivos, especialmente no plural e dual. Contudo, não investigaremos esses fatores aqui porque o nosso interesse principal nesta altura não é a reconstrução do pré-indo-europeu, mas antes uma exemplificação da maneira como podemos aplicar o MRI à morfologia.

Em continuação, podemos servir-nos de procedimentos semelhantes na sintaxe. Ao observar que a estrutura VO implica preposições e construções comparativas com a sequência adjetivo-eixo-padrão, se descobrirmos uma predominância dessas construções numa língua, concluimos que a língua em questão é VO. Prosseguimos a reconstruindo os seus padrões conforme essa estrutura. Consequentemente, esperaríamos encontrar as orações relativas colocadas depois das substantivas, e o mesmo com os genitivos e, com menos segurança, os adjetivos após os nomes também. Por outro lado, se atestarmos posposições e construções comparativas na ordem padrão-eixo-adjetivo, reconstruímos uma língua OV, com as construções relativas antecipadas pela estrutura.

Se constatarmos, entretanto, uma mistura de preposições e posposições e das duas construções comparativas, como também das outras características primárias, concluimos que a língua está no meio de um processo de mudança sintática profunda. As nossas conclusões sobre a reconstrução podem ser baseadas na presença e natureza de resíduos.

Como em qualquer ciência, a evidência deve ser reunida e analisada meticulosamente. Pode ser que não disponhamos de evidência suficiente para propor uma fase anterior. Em tal caso, listamos os dados reunidos e deixemo-los para os linguistas do futuro interpretarem, os quais talvez terão podido juntar mais informações relevantes nesse meio tempo, de modo que a totalidade da evidência possa ser avaliada devidamente.

### **8.7. A reconstrução interna aplicada à reconstrução de categorias**

Prosseguindo com a nossa investigação das características residuais no protoindo-europeu, podemos estudar os meios para indicar a posse. Já que um tratamento dos meios presentes no sistema nominal exigiria uma exposição muito demorada, resumiremos apenas as expressões para “ter” nos dialetos.

Essas palavras variam surpreendentemente. Em grego, o verbo para “haver” é ἔχειν (*ékhein*), em latim, é *HABĒRE*, em lituano, é *turėti*, no eslavônico eclesiástico antigo, é *imeti* (*iměti*). O verbo germânico é o do inglês *have* e alemão *haben*, cf., gótico, *haban*. Esse verbo parece o verbo latino, mas essa forma não pode ser relacionada àquela pela presença *b* (/b/) em ambas as palavras. Outros dialetos, como o celta e o indo-iraniano, utilizam expressões como a latina *MIHI EST* [“a mim é”] = “tenho”, que Buck considera a maneira indo-europeia de expressar “ter” (1949: 740<sup>2</sup>).

Quando explicamos essa situação, lembramos que as línguas estativas não exibem a categoria de transitividade. Em lugar disso, as sentenças são construídas pela associação de nomes ativos com verbos ativos, nomes estativos e inanimados com verbos estativos. As línguas ativas expressam a posse por meio de sequências servindo-se de uma construção locativa ou dativa para o possuidor, por exemplo, “perto de mim”, “a mim” mais o verbo “ser”, como na construção latina *MIHI EST*. Essa característica nos fornece ainda mais evidência para considerarmos o pré-indo-europeu uma língua estativa.

Explicamos a diversidade das expressões para “ter” nos dialetos pressupondo que, quando esses se tornaram de estrutura acusativa, eles precisavam um verbo transitivo para “ter”. Conseqüentemente, os falantes em cada um dos dialetos selecionaram um ou mais de um verbo apropriado e um desses tipicamente veio a servir como “ter”. Resíduos sobreviveram nos dialetos durante algum tempo, como *μοί ἐστι* (*moí estí*) em grego e *būt* mais o dativo em letão, e assim adiante. Tais resíduos, como indicamos acima, fornecem apoio adicional para reconstruir a expressão anterior, como fizemos.

### **8.8. A reconstrução interna aplicada ao léxico e ao sistema semântico**

Os resíduos podem fornecer meios de reconstruir estruturas semânticas e lexicais anteriores. Línguas ativas, como observamos, distinguem entre nomes e verbos ativos/animados e estativos/inanimados/inativos. Existem, porém, itens que podem ser interpretados como ativos ou

---

<sup>2</sup> BUCK, Carl Darling (1949). *A Dictionary of Selected Synonyms in the Principal Indo-European Languages*. Chicago: University of Chicago Press.

inativos, como “fogo”, “água”, “estar deitado” ~ “deitar (-se)”, “estar sentado” ~ “sentar (-se)”. A água, por exemplo, pode ser considerada como um item que flui ou como algo estável. Igualmente, o fogo pode ser considerado como ativo ou como um estado. As línguas ativas muitas vezes exibem duas palavras para tais itens.

Uma característica notada há tempos do protoindo-europeu é que a língua inclui duas palavras para itens e atividades comuns, tais como “fogo”, “água”, “estar deitado” ~ “deitar (-se)”, “estar sentado” ~ “sentar (-se)”, etc. Citando somente as palavras para “fogo”, observamos que a palavra em inglês e alemão (*fire* e *Feuer*) se encontram também em grego πῦρ (*pūr*) e no hitita *paḥḥur*. A outra palavra ocorre em latim, *IGNIS*, em sânscrito, अग्नी (*ágni-*), em lituano, *ugnis*, no eslavônico eclesiástico antigo, *огни* (*ogni*). Buck cita a sugestão de Meillet de que “o primeiro grupo, regularmente [do gênero] neutro, denotava o fogo como um elemento sem vida, enquanto o segundo grupo, regularmente masculino, denotava o fogo ativo personificado do culto religioso” (1949: 71). Embora esse comentário constitua uma interpretação, não serve para explicar a situação.

Ao explicarmos a existência do conjunto duplo para “o fogo” e outros itens protoindo-europeus, propomos que os termos reflitam o sistema ativo pré-indo-europeu em que existiam duas palavras, uma ativa e a outra inativa. A palavra ativa é a do latim e do sânscrito, como indicado por Meillet. A palavra inativa foi selecionada nos ramos germânico, anatólio (hitita) e helênico (grego). Do mesmo modo como os falantes tinham que selecionar uma maneira de expressar “ter” quando a língua mudou da estrutura ativa para a acusativa, assim eles selecionavam um ou outro item lexical para “fogo”, “água” e os demais conceitos que exibiam duas designações na fase ativa da língua. A escolha teria sido determinada pelas condições sociais que estão além de nosso conhecimento. Não obstante, os fatos linguísticos são evidentes.

É importante apontar ainda que linguistas conceituados como Meillet propuseram explicar os conjuntos duplos de palavras, como para “fogo”, ao atribuírem tal traço à mentalidade primitiva dos falantes nesse período arcaico. Conforme tenhamos aprendido mais sobre a linguagem, rejeitamos explicações para dados linguísticos que dependem de tais noções. Em lugar dessas teorias, propomos explicações linguísticas para dados linguísticos, inclusive para problemas como o que discutimos aqui. As nossas explicações são proferidas na base do nosso conhecimento da linguagem e no pressuposto, conforme foi afirmado por Meillet, da “semelhança universal da mente humana”.

### **8.9. A reconstrução interna em uso hoje**

Na medida em que os linguistas lidam com cada vez mais línguas para as quais só existem atestações modernas, o M.I.R. assume uma relevância maior na reconstrução de fases anteriores e para identificar as relações genealógicas de uma maneira segura. Os princípios que precisam ser aplicados nessa prática estão evidentes. Quando uma língua é descrita, as irregularidades são identificadas, tais como, *was* ~ *were*, ou as duas palavras indo-europeias para “o fogo”. Podem haver resíduos de períodos anteriores. Ao interpretá-los, podemos reconstruir a seguir unidades ou categorias ou estruturas prévias.

As reconstruções propostas devem ser avaliadas conforme sua concordância com as estruturas em níveis diferentes, frequentemente referidos como “níveis superiores”, como foi exemplificado acima com a pronúncia no inglês americano de *setter* (['sɛ.də.ɪ]), etc.. As reconstruções podem ser avaliadas quanto aos padrões abstratos, como os da sintaxe nas línguas do tipo OV em contraste com as do tipo VO e como os modelos nas esferas lexical e semântica para as tipologias acusativa ou ergativa em oposição às línguas ativas, como, por exemplo, no que toca às equivalências para o verbo “ter”.

Ao aplicarmos o método, devemos lembrar-nos de que a linguagem é uma convenção social que está aberta a diversas influências. Elementos com características aberrantes podem ser tomados emprestados, tal como os títulos, por exemplo, *attorney general*, na linguagem jurídica inglesa, em que a posição do adjetivo é mantida do francês. De modo a evitar inferências injustificadas baseadas em tais formas, o MRI precisa ser aplicado com o devido discernimento próprio de todas as ciências humanas e sociais. Se for aplicado de maneira apropriada, o método de reconstrução interna produzirá a evidência de melhor confiança para identificar as relações genealógicas anteriores entre as protolínguas.

### ***Leituras adicionais selecionadas***

Os capítulos 7 e 10 de Hoenigswald (1960) tratam do método de uma maneira geral. Para uma aplicação a uma língua indígena norte-americana, vide Chafe (1959: 477-95). Para uma série de aplicações extensivas, vide Kuryłowicz (1964); vide também Anttila (1982: cap. 2), Bynon (1977: parte I.2.2), e Hock (1986: cap. 17).

ANTTILA, Raimo (1982 [2ª edição, 1989]). *Historical and Comparative Linguistics*. Amsterdã: John Benjamins.

BYNON, Theodora (1977). *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

CHAFE, Wallace L. (1959). “International reconstruction of Seneca”, *Language* 35: 477-95.

HOCK, Hans Heinrich (1986). *Principles of Historical Linguistics*. Berlim: Mouton de Gruyter.

HOENIGSWALD, Henry M. (1960). *Language Change and Linguistic Reconstruction*. Chicago: University of Chicago Press.